

# **O TRABALHO FEMININO E O PREPARO DA ALIMENTAÇÃO: O CASO DAS MULHERES TRABALHADORAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA<sup>1</sup>**

## **THE FEMALE LABOR AND FOOD PREPARATION: THE CASE OF WORKERS WOMEN OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF VIÇOSA**

Cristina Teixeira Lelis<sup>2</sup>  
Karla Maria Damiano Teixeira<sup>3</sup>  
Neuza Maria da Silva<sup>4</sup>

### **1. RESUMO**

A colocação profissional e a independência da mulher afetam a composição da alimentação e provocam uma organização de valores e hábitos que podem trazer consequências no padrão alimentar. Assim, o objetivo deste estudo foi analisar se existe influência do trabalho exercido pelas mulheres no preparo da alimentação, e as estratégias utilizadas nas novas relações espaço-tempo. A pesquisa teve como amostra 101 mulheres que trabalham em diferentes setores ocupacionais da Universidade Federal de Viçosa. Os dados foram obtidos através de uma entrevista fundamentada em um roteiro semi-estruturado, e analisados por meio da análise de conteúdo. O estudo concluiu que qualquer mudança na família, tal como a atividade remunerada exercida pela mulher, produz um remanejamento de funções, e os hábitos alimentares, apesar de sofrerem influência, não são totalmente diferenciados quando se analisa a inserção feminina no mercado de trabalho.

**Palavras-Chave:** Mulher. Trabalho. Hábitos Alimentares.

---

<sup>1</sup>Parte da dissertação de mestrado intitulada “Mulheres, trabalho e alimentação: uma análise comparativa”, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

<sup>2</sup>Mestre em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. E-mail: crisecd@yahoo.com.br .

<sup>3</sup> Professora Associada do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. E-mail: kdamiano@ufv.br .

<sup>4</sup> Professora Associada do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. E-mail: neuzams@ufv.br .

## **2. ABSTRACT**

The insertion and independence of women affect the composition of the food and cause an organization of values and habits, which can provide consequences on the feeding pattern. The objective of this study was to analyze whether there is influence of the female work in the food preparing and the used strategies on new space-time relations. The research had as sample 101 women working in different occupation sectors at Federal University of Viçosa. The data were obtained by semi-structured interview and analyzed by content analysis. The study concluded any alteration in the family as paid work done by women can result in a redistribution of functions and the feeding habits even suffering influences are not fully differentiated when the inclusion of women in the labor market is considered.

**Keywords:** Women. Work. Feeding Habits.

## **3. INTRODUÇÃO**

A partir da década de 1970, vêm acontecendo muitas mudanças socioeconômicas e demográficas em todas as regiões do mundo. No caso do Brasil, ressaltam-se alterações nos preços relativos dos produtos, na renda e na composição das famílias, na participação da mulher no mercado de trabalho, na urbanização, entre outros (SCHLINDWEIN e KASSOUF, 2007).

No que se refere à participação feminina no mercado de trabalho, dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA – (2010) revelam que a participação das mulheres na população economicamente ativa vem aumentando de maneira significativa, uma vez que, entre os anos de 2008 e 2009, a participação delas passou de 48,8% para 49,7%.

Essa intensa feminização no mercado de trabalho acarretou desigualdades e assimetrias de gênero nas formas de organização de vida familiar, principalmente em relação à distribuição das tarefas domésticas, ao envolvimento e às responsabilidades com os cuidados interpessoais dos seus membros, além de afetar as tomadas de decisões (SCALON et al., 2007).

De acordo com Madalozzo et al. (2008), a participação dos homens no trabalho doméstico aumentou nos últimos anos, mas é bem inferior à das mulheres. Mesmo quando essas ultrapassam a barreira da aceitação social e trabalham fora de casa, ainda assim mantêm seu papel de “dona de casa”, desempenhando as tarefas domésticas.

Segundo Ortigoza (2008), quando a mulher passa a ter uma atividade remunerada, muitas mudanças ocorrem, tanto na relação dela com sua casa, com sua família, quanto com a sociedade. A mulher, ao ingressar no processo de produção como agente ativo, enfrenta alterações nas relações espaço-tempo e, conseqüentemente, na vida diária, gerando modificações na vida familiar.

Conforme Siliprandi (2004), as mulheres são vistas como um “instrumento” com o qual se atingirá a segurança alimentar das famílias, ou seja, elas costumam ser guardiãs do bem-estar dos demais membros da família.

Assim, a presença da mulher no trabalho fora do lar e a contratação do serviço doméstico pelo segmento feminino podem levar a reais variações no preparo de alimentos no âmbito domiciliar, no perfil de compra de alimentos por parte das famílias e no consumo de refeições preparadas e/ou servidas fora do domicílio, não apenas por parte das mulheres que se engajam nos postos de trabalho, mas também pelos demais membros da família (MENDONÇA e ANJOS, 2004).

O valor do tempo foi relacionado de forma positiva em relação ao gasto total com a alimentação fora do domicílio, uma vez que o custo de oportunidade do tempo da mulher se eleva com a ampliação da participação dela no mercado de trabalho, fazendo com que aumente a probabilidade de consumo de alimentos fora de casa (SCHLINDWEIN, 2006).

Para Lambert et al. (2005), há uma modificação da dieta tradicional para uma dieta na qual as pessoas preferem produtos prontos para o consumo ou que exijam pouca dedicação durante o seu preparo, como aqueles já cozidos ou pré-cozidos, e produtos com embalagens que permitam ser colocados diretamente no forno ou microondas.

A principal questão que este artigo pretende discutir é: qual é o impacto da inserção feminina no mercado de trabalho nos hábitos alimentares da família, e quais são as circunstâncias que podem minimizar tal impacto?

Desse modo, este trabalho objetivou analisar se existia ou não influência do trabalho exercido pelas mulheres no preparo da alimentação, e as estratégias utilizadas por elas nas novas relações espaço-tempo.

Evidenciando a importância deste estudo, Schlindwein e Kassouf (2007) comentam que, no Brasil, existem poucos trabalhos que retratam os fatores que podem influenciar os padrões de consumo de alimentos. Isso porque, segundo Sichieri et al. (2003), a maioria dos trabalhos de avaliação do consumo alimentar de populações baseia-se apenas no cálculo dos macronutrientes, no respectivo consumo calórico e no consumo dos micronutrientes.

#### **4. REVISÃO DE LITERATURA**

Mudanças sociais afetam os hábitos alimentares. Exemplo disso é o fenômeno da urbanização. As circunstâncias da vida cotidiana têm implicações na relação do indivíduo com seu meio, refletindo-se no modo de comer e de se relacionar com a alimentação, causando alterações nesses aspectos (MARINHO et al., 2007).

Assim, com a urbanização, houve uma maior participação das mulheres no mercado de trabalho. Segundo Schlindwein (2006), o trabalho da mulher fora de casa e a obtenção de uma renda própria tendem a produzir um grande impacto sobre a melhoria da posição social da mulher em sua própria casa e na sociedade como um todo.

As mulheres, por tradição, são as principais responsáveis pelas atividades alimentares da família em geral. Elas são vistas como essenciais nos processos de combate às carências alimentares. Segundo Oates e McDonald (2006) e Sullivan (2000), pesquisando a divisão do trabalho doméstico, as mulheres estão envolvidas na preparação da alimentação, apesar da crescente participação no trabalho remunerado.

Observa-se, que as mulheres têm um papel significativo na adoção de novos hábitos, pois, para Fonseca et al. (2011), as mulheres são, em sua maioria, as responsáveis por conduzir as demandas alimentares da família, como compras e organização do cardápio, além de serem conhecidas como cuidadoras da saúde da família por interferência da alimentação.

É fato que a intensificação do processo de urbanização e o aumento da mão de obra feminina no mercado de trabalho reduziram o tempo disponível para os afazeres domésticos, incluindo a preparação da alimentação da família. De acordo com Novaes (2004), o ritmo das grandes cidades minimizou a importância do ato alimentar. Alguns habitantes dos grandes centros urbanos, no intervalo para o almoço, comem sanduíches ou pedaços de pizza, e bebem refrigerantes, sozinhos e de pé, no balcão de lanchonetes, o que também costuma acontecer em cidades de porte médio.

Conforme Lambert et al. (2005), a falta de regularidade das refeições e seu caráter individual são, também, consequências da modificação no ritmo de vida dos indivíduos. Entre outros fatores, tal mudança pode ser explicada pela organização do trabalho em horários flexíveis (manhã, tarde ou noite), pela distância entre local de trabalho e a residência e pelos consequentes grandes deslocamentos. Nesse sentido é oportuno enfatizar a grande oferta de alimentos e o desenvolvimento de produtos prontos para serem consumidos, ou que não exigem muita dedicação no preparo, além de sistemas de entrega em domicílio e restaurantes rápidos.

Segundo a pesquisa de orçamentos familiares (POF) realizada pelo IBGE, os brasileiros vêm diversificando sua alimentação, diminuindo o consumo de mercadorias tradicionais e mais básicas, como arroz e feijão. Na área urbana se destacaram o aumento do consumo de produtos prontos ou processados, como pão de sal, biscoitos recheados, iogurtes, vitaminas, sanduíches, salgados fritos e assados, pizzas, refrigerantes, sucos e cerveja (IBGE, 2011).

Diversos autores, como Pollonio (2005), Rodrigues e Sabes (2006) e Schindwein e Kassouf (2007), dentre outros, afirmam que a alimentação fora de casa tem adquirido relativa importância no cotidiano das pessoas, devido à inserção da mulher no mercado e às distâncias entre casa e trabalho, além da falta de tempo no preparo dos alimentos no lar. Comer fora de casa deixou de ser uma prática reservada a ocasiões especiais, tornando-se uma necessidade imposta pelo ritmo acelerado da vida atual.

Nota-se que o aumento do consumo de alimentos pré-preparados e prontos e, também, a ampliação de refeições realizadas fora de casa implicam a redução da prática culinária intradomiciliar. Isso pode ser corroborado com o trabalho apresentado por

Schlindwein (2006), ao constatar que o fato das mulheres trabalharem fora de casa as leva a despendar menos tempo no preparo de alimentos e, portanto, gastam mais dinheiro em alimentos prontos e refeições fora do domicílio.

Além das modificações no gasto com alimentação, quando a mulher se inseriu no mercado de trabalho aconteceram outras alterações, como a incorporação, no domicílio, de recursos tecnológicos. Siliprandi (2004) retrata em seu trabalho que os eletrodomésticos, como fornos de microondas, freezers e processadores de alimentos, buscam preencher essas novas necessidades.

Para Coen-Pirani et al. (2009), a difusão desses eletrodomésticos, entre 1960 e 1970 contribuiu para aumentar as taxas de participação de mulheres casadas na força de trabalho. Houve um aumento substancial de freezers e secadoras naquele período, apontando para o progresso tecnológico como fator importante na mudança econômica e social.

A inclusão de tecnologias facilita a realização de atividades cotidianas e economiza o tempo destinado a elas. Por outro lado, a concorrência estabelecida pelo mercado e a fragilidade dos vínculos de trabalho levam a uma nova organização do tempo e à eleição de prioridades, reduzindo o período dedicado à convivência familiar, principalmente à alimentação (FONSECA et al., 2011).

## **5. METODOLOGIA**

### **5.1. Local de Estudo**

Essa pesquisa, exploratório-descritiva, utilizou-se da abordagem qualitativa e foi realizada na cidade Viçosa/MG, que pertence à Zona da Mata Mineira, município localizado a 225 km da capital (Belo Horizonte), cuja população total é estimada em 72.244 habitantes (IBGE, 2010). Trata-se de uma cidade universitária, sendo sua economia centrada tanto no comércio local quanto nas atividades relacionadas à Universidade Federal de Viçosa (UFV).

### **5.2. População e Amostra**

O universo do presente estudo foi constituído por trabalhadoras dos diferentes setores ocupacionais da Universidade Federal de Viçosa (UFV). A amostra foi composta por mulheres no estágio intermediário do ciclo de vida, ou seja, aquelas em cujas famílias havia presença de crianças, a partir de 0 ano de idade, e adolescentes até 18 anos.

No processo de obtenção dos dados, procurou-se a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da UFV, para identificação das possíveis participantes da pesquisa. Assim, encontrou-se que eram 107 as mulheres docentes, com filhos entre 0 e 18 anos, enquanto que as técnicas administrativas com filhos nessa faixa etária eram 143.

A partir desses dados, calculou-se o tamanho da amostra, utilizando a fórmula para populações finitas, considerando um erro de 0,5%, e encontrou-se que a amostra ideal seria composta por 56 docentes e 74 técnicas administrativas.

Por meio da técnica do sorteio, as mulheres foram procuradas em seus respectivos departamentos e/ou setores, onde, após as devidas explicações sobre a pesquisa, foi feito o convite para participarem. Durante esse processo de contato com as mulheres, algumas delas não quiseram ou não puderam participar da pesquisa. Desse modo, totalizou-se 40 docentes e 61 técnicas administrativas entrevistadas.

### **5.3. Forma de Coleta e análise dos dados**

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Universidade Federal de Viçosa, sob o registro nº 0152/2010.

A coleta de dados foi realizada utilizando-se a entrevista fundamentada em um roteiro semi-estruturado. As entrevistas foram aplicadas entre o mês de março a agosto de 2011, e gravadas, conforme permissão das participantes, com o auxílio de aparelho MP3 Player. Tais entrevistas foram transcritas na íntegra, preservando-se o anonimato das participantes. Depois de transcrito, o texto foi codificado e analisado, utilizando-se o Software for Qualitative Data Analysis (MAXqda).

Os dados qualitativos foram analisados e categorizados por meio da técnica de análise de conteúdo, enquanto que os dados quantitativos foram analisados em termos de frequência, desvio padrão, porcentagem e média.

#### **5.4. Categorias de Análise**

As categorias de análise da pesquisa foram operacionalizadas da seguinte forma:

- Para caracterizar o perfil socioeconômico foram utilizadas variáveis como número de membros da família; grau de parentesco; idade na data da entrevista; estado civil; etnia; escolaridade; ocupação principal; número de horas de trabalho por dia; e renda, em salários mínimos.

- A categoria ‘hábitos alimentares’ procurou identificar a situação da inserção no mercado de trabalho e o preparo das refeições’.

- No sentido de identificar as estratégias utilizadas pelas mulheres no preparo das refeições, foram mensuradas as seguintes variáveis: presença de empregada doméstica, ajuda de membros da família, utilização de comidas prontas e/ou processadas, local de realização das refeições, tecnologias domésticas e suas implicações para mulheres trabalhadoras e donas de casa.

### **6. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

#### **6.1. Perfil Socioeconômico das mulheres entrevistadas**

As entrevistadas tinham entre 27 e 58 anos, com médias de 41,7 anos e 1,8 filhos. Quanto ao estado civil, a maioria era casada (75,5%); seguidas por aquelas com união consensual (9,9%); solteiras (6,9%); separadas (3,9%); divorciadas (2,9%); e outros (0,9%).

Quanto à escolaridade, 50,5% das entrevistadas possuíam pós-graduação *Stricto Sensu*, 24,8% havia concluído o ensino superior, 11,9% concluíram pós-graduação *Lato Sensu*, 6,0% possuíam ensino médio completo, 3,9% estavam com ensino superior em andamento, 1,9% com pós graduação *Stricto Sensu* em andamento, e 1,0% possuía curso



técnico. De acordo com o IBGE (2008), maiores níveis de escolaridade garantem melhores oportunidades de inserção qualificada no mercado de trabalho. E, ainda, as mulheres brasileiras vêm se sobressaindo em relação aos homens, sobretudo nas áreas urbanas, onde elas apresentam, em média, um ano a mais de estudo que os homens.

No que se refere à etnia, as cores predominantes foram a branca e a parda. Quanto à ocupação das mulheres, observou-se uma distribuição nos diferentes cargos, sobressaindo-se professoras e assistentes administrativas.

Com relação ao número de horas de trabalho remunerado, as maiores jornadas foram reveladas pelas professoras, mostrando a sobrecarga de trabalho a que estão submetidas. De acordo com Lima e Lima-Filho (2009), os professores dedicam uma parcela significativa das horas de trabalho a preparo de aulas, atendimento de alunos, correção de trabalhos, avaliações, preenchimentos de diário, lançamentos de notas/frequência no sistema. Devido a essa sobrecarga de trabalho, os professores relataram que desenvolvem trabalhos nos fins de semana e nos períodos de interrupção do ano letivo, isto é, nos momentos institucionalmente dedicados ao descanso e lazer.

O principal tipo de família foi a nuclear (formada pelo pai, mãe e filhos). Além disso, conforme mencionado anteriormente, o número médio de filhos foi de 1,8.

A renda familiar das mulheres que realizavam atividade remunerada variou de R\$1800,00 a R\$20000,00. É importante dizer que se considerou a renda de todos os que contribuíam com o orçamento doméstico, e não somente a renda advinda do trabalho das mulheres. Além disso, duas das entrevistadas não quiseram declarar sua renda.

## **6.2. Inserção no mercado de trabalho e preparo da alimentação**

A incorporação das mulheres ao mercado fez com que o trabalho, a família e o perfil desse mercado passassem por intensas mudanças a partir do último quarto do século XX. Ademais, a mão de obra feminina traz implicações muito importantes para a família (JOFFER, 2008). Entre essas consequências é possível citar a influência no preparo da alimentação.

Foi perguntado às entrevistadas se o trabalho remunerado exercido por elas tinha influência sobre o preparo da alimentação. Das docentes, 37,5% disseram que o trabalho remunerado influenciava o preparo da alimentação; 57,5% disseram que não; e 5% disseram que a influência era pequena. Das técnicas administrativas, 73,8% disseram que o trabalho influenciava; 22,9% disseram que não; e 3,3% declararam que influenciava pouco.

A diferença da não influência sobre o preparo da alimentação entre docentes e técnicas administrativas atribui-se à presença da empregada doméstica. Das docentes que disseram não haver influência, 55% delas possuíam empregadas. Das técnicas administrativas que relataram não ter influência, 14,7% delas tinham empregada doméstica para realizar os serviços de preparo da alimentação. A diferença da não influência entre docentes e técnicas administrativas deve-se ao fato das primeiras possuírem maior renda e, conseqüentemente, poderem pagar uma empregada. Assim, as docentes não percebem tanto as influências no preparo da alimentação.

No estudo, observou-se que, para 29,7% das mulheres, a influência do trabalho remunerado se dava em toda a rotina familiar, inclusive na alimentação, pois a ausência em casa impossibilitava tais mulheres de elaborar as refeições, usar quantidades adequadas de determinados ingredientes e, assim, preparar um cardápio mais saudável, como observado a seguir:

Eu acho que influencia em toda a rotina da família. No preparo da alimentação, na educação dos filhos, no acompanhamento escolar. Eu acho que a saída da mulher pro mercado de trabalho teve muitos benefícios, mas eu acho que tem um ônus em absolutamente todas as coisas da casa (docente, 39 anos, doutora).

Influencia porque quando eu estou em casa, eu cozinho, eu elaboro mais a refeição. Uso menos óleo, uso menos sal, uso, por exemplo, um grão, a forma de fazer, porque a forma como você prepara a comida influencia também, tanto no paladar quanto na qualidade da comida (docente, 47 anos, doutora).

Observou-se, ainda, que para as mulheres, a influência estava atrelada tanto ao fato de não poderem acompanhar a alimentação dos filhos quanto ao cansaço, ocasionado pelo trabalho, o que as leva a preparar refeições mais rápidas, conforme alguns relatos:

Influencia sim porque se eu tivesse tempo, eu acho que com certeza ele (filho) comeria mais coisas, eu faria com que ele experimentasse sem forçar a barra, então, assim, influenciou bastante, influencia porque elas (as empregadas domésticas) não têm a mesma disposição que uma mãe tem, é bem diferente (técnica administrativa, 44 anos, superior completo).

Influencia porque eu já chego mais cansada, né? Quero fazer uma coisa mais rápida. Então eu preparo uma coisa mais rapidinha. Não tem aquele tempo pra fazer um outro tipo de alimentação, as vezes fazer um jantar, né? Ai a gente faz um lanche, por ter menos tempo (técnica administrativa, 37 anos, médio completo).

Devido ao cansaço ocasionado pelo trabalho remunerado e à influência na rotina alimentar, as mulheres relataram comer o que estava disponível. Assim, disseram ter preocupação com a alimentação dos filhos, pois não podiam estar perto para ajudar no consumo de alimentos melhores.

De acordo com Pinheiro (2005), quando a mulher assume uma vida profissional extra domicílio, continua acumulando a responsabilidade sobre a alimentação da família – a atribuição feminina transita entre o ambiente do trabalho e o doméstico e, assim, coloca-se como um novo paradigma da sociedade moderna, que não tem criado mecanismos de suporte social para a desconcentração dessa atribuição enquanto exclusivamente feminina.

Outras entrevistadas (16,8%) relataram a influência da falta de tempo para preparar as refeições e, dessa forma, consumiam alimentos mais práticos ou levantavam mais cedo para adiantar as refeições. Nos depoimentos a seguir nota-se essa influência na organização doméstica alimentar:

Porque eu não tô em casa. Ai eu começo a lançar mão de coisas mais prontas. Se eu tivesse em casa, eu teria tempo disponível. Agora eu tenho cronometrado. Eu tenho que chegar tal hora, preparar tal coisa, fazer tal coisa, pra sair tal coisa. Então isso influencia (técnica administrativa, 44 anos, mestre).

Por causa do tempo. Esse tempo que eu te falo que pra mim é complicado, ou eu levanto mais cedo pra fazer o cardápio. Porque você já tem a carga horária de trabalho aqui. E acaba que o que fica no prejuízo é esta organização doméstica mesmo (docente, 47 anos, doutora).

A sensação de culpa estava presente nos depoimentos, estando associada ao papel de boa mãe, esposa e dona de casa. Esse sentimento é culturalmente definido, fazendo parte do processo de socialização da mulher.

A influência descrita pelas entrevistadas poderia ser minimizada se houvesse uma distribuição igualitária das atividades alimentares entre homens e mulheres. Porém, para Nascimento (2006), mesmo com as novas dinâmicas familiares, os homens ainda são coadjuvantes nas atividades domésticas. Há, ainda, uma tendência a considerar a vida pública como de domínio masculino, enquanto a doméstica e privada, de domínio feminino.

Para Borsa e Feil (2008), a crescente autonomia das mulheres ocasionou um aumento no acúmulo de funções, pois elas passaram a dividir com os homens o sustento da casa e a exercer novas funções, além do cuidado da casa e dos filhos.

Corroborando os supracitados autores, Sorj et al. (2007) comentam que o modelo tradicional do homem como provedor e da mulher, principal cuidadora da família, foi trocado por um em que ambos se inserem no mercado de trabalho, porém os cuidados com a família continuam, em grande parte, sendo realizados por mulheres. A elas foram dadas oportunidades para participar da esfera pública, mas não houve um acompanhamento do tempo investido pelos homens na esfera privada, sustentando uma divisão sexual do trabalho com um forte viés de gênero.

De acordo com as entrevistadas, a não influência do trabalho remunerado sobre a alimentação estava relacionada à presença de uma empregada em casa, que poderia cuidar da alimentação.

No meu caso não muito, porque eu tenho uma pessoa que faz em casa. Eu tenho uma pessoa que cuida da casa e faz a comida (técnica administrativa, 34 anos, mestre).

Eu acho que não, porque desde que eu comecei a trabalhar que eu tenho empregada, então eu nunca tive problemas (docente, 41 anos, doutora).

Segundo Mello (2010), a dona de casa atribui à empregada o que normalmente lhe está sendo árduo e impossível de conciliar com seus afazeres extra casa. Para Brites (2007), citado por Mello (2010), a organização doméstica e familiar das empregadoras, bem como as possibilidades de promoção e prestígio social delas enquanto mulheres e de sua família como um todo, amparam-se nos serviços realizados por outra mulher, que, por sua vez, tem outra representação familiar, acabando por se ajustar às primeiras.

É interessante observar, também, que mesmo tendo uma empregada doméstica, ao assumir a vida pública, a mulher não se desvincula das atividades domésticas. Assim, o serviço prestado pelo outro não substitui o seu, sendo apenas uma maneira de amenizar a sua rotina de afazeres da casa.

### **6.3. Estratégias para preparo das refeições das mulheres entrevistadas**

Neste tópico, buscou-se compreender quais eram as estratégias que as entrevistadas utilizavam para preparar as refeições, assim como as tecnologias domésticas utilizadas.

Com relação às estratégias adotadas, 60,6% das técnicas administrativas contavam com a ajuda de empregada doméstica; 49,1%, com algum membro da família, destacando-se, com maior frequência, o auxílio do marido  $n=12$ , seguido pelo marido e filhos  $n=6$ , filhos  $n=5$ , pais  $n=6$ , e irmã  $n=1$ . A utilização de comidas prontas ou processadas<sup>5</sup> era realizada por 57,3% das mulheres, e 65,6% realizavam as refeições fora do domicílio, independente da frequência.

No que se refere às estratégias utilizadas pelas docentes, 92,5% possuíam empregada doméstica para ajudar na conciliação entre atividade remunerada e preparo das refeições; 47,5% contavam com apoio de membros da família, com destaque para a ajuda do marido (10 casos), sendo que 9 dessas mulheres tinham a colaboração de filhos, mãe, ou

---

<sup>5</sup> Neste caso, todas as mulheres que disseram utilizar pelo menos um tipo de alimento pronto ou processado, ou que a utilização era rara, foram contabilizadas.

irmã; 75% utilizavam comidas prontas ou processadas durante as refeições; e 90% realizavam as refeições fora do domicílio.

Nota-se que a utilização de empregadas domésticas teve maior percentagem no grupo das docentes, talvez pelo fato de essas docentes possuírem uma renda maior e poderem pagar por tais serviços. Conforme Mello (2010), as mulheres incluídas na categoria de profissões de nível superior têm um patamar de renda suficiente para contratar o serviço de outras mulheres, que se responsabilizam pelos serviços domésticos.

É importante ressaltar que ter uma empregada em casa é uma estratégia muito utilizada pelas mulheres que trabalham, que as veem como pessoas importantes para realização das refeições, conhecendo o perfil alimentar da família. A seguir, pode-se confirmar nas falas esse pensamento:

Deixo separado pra ela as coisas, eu compro e coloco lá. Ela chega, escolhe o que quer fazer. Quando eu quero alguma coisa diferente, eu falo com ela, mas normalmente eu deixo por conta dela. Tem 10 anos que ela tá lá, né? Ai ela sabe o que a gente gosta, então é boa cozinheira (técnica administrativa, 53 anos, superior completo).

Eu falo que eu tenho um pescoço. Ela é minha vida. Um anjo da guarda (docente, 39 anos, doutora).

É interessante observar que, embora a empregada doméstica seja a responsável pelo preparo das refeições, o que se compra e o que se faz são determinados pela própria patroa. Cabe à empregada o conhecimento da rotina e dos gostos dos membros da família, fator imprescindível para o bom desenvolvimento de seu trabalho.

Para Portugal (2006), as mulheres utilizam diferentes estratégias para conciliar o trabalho doméstico e o realizado fora, necessitando da rede de íntimos e, quando a renda permite, buscando a colaboração de uma empregada para a execução das atividades do lar.

Notou-se, através das falas que se seguem, que as técnicas administrativas recebiam ajuda de membros da família, mas essa ajuda não era tão frequente, ou acontecia apenas

quando o membro tinha disponibilidade ou interesse em realizá-la. Algumas falas ilustram essa questão:

Muito difícil. Se chamar vai. Quase sempre eu faço sozinha. É praticamente sem ajuda, é muito raro eles me ajudarem (técnica administrativa, 37 anos, superior completo).

Minha filha, ela me ajuda quando pode. Mas agora, ultimamente, não tá podendo não, tem tanta prova. Mas assim, sempre ela me ajuda. Meu marido ajuda mais a noite. É bom de cozinha, ai que maravilha. Nossa, muito bom. Mas faz uma bagunça danada. Mas ele também às vezes ajuda. Às vezes, tá? Às vezes (técnica administrativa, 43 anos, superior incompleto).

Em um estudo realizado por Beagan et al. (2008), com três grupos étnicos culturais no Canadá, observou-se que as mulheres eram as responsáveis pelas atividades que envolvem a alimentação da família, enquanto que outros membros tendem a ajudar, sem responsabilidades permanentes. Nesse estudo, muitas mulheres se perceberam “guardiãs da saúde” da família, dizendo que os homens não se preocupavam em fazer uma alimentação saudável, e procuravam fazer compras sozinhas, para evitar que seus parceiros ou filhos adolescentes comprassem “junk-food”.

No caso das docentes, vale ressaltar que a ajuda dos maridos, em alguns casos, acontecia nos finais de semana, ou as mulheres consideravam esporádico o preparo realizado por eles, conforme alguns relatos.

Meu marido ele ajuda e participa sempre no final de semana. Ele faz compras. Por exemplo, a gente faz churrasco, ele que faz a carne, tempera, faz um vinagrete, eu faço um arroz (docente, 43 anos, doutora).

Meu marido faz café. É, porque ele levanta primeiro. Qualquer diferença de 15 minutos já ajuda. Só, mais nada (docente, 47 anos, mestre).

Essas informações mostram uma mudança na divisão do trabalho doméstico, embora o trabalho exercido pelo homem ainda seja considerado como “ajuda”. Além disso,

a participação dos maridos e filhos ocorre principalmente quando é solicitada, ou quando gostam de realizar a atividade em questão. Em um trabalho realizado por Bruschini e Ricoldi (2009), as esposas contam com a ajuda dos maridos e dos filhos, embora a divisão seja, em grande parte, desigual. Segundo esse estudo, uma tarefa frequente que os homens (tanto maridos quanto filhos) costumam assumir é lavar/secar louça, além do preparo de refeições.

A ajuda de familiares, principalmente dos cônjuges, pode estar atrelada à educação, pois, para Sorj et al. (2007), essa possibilita aos indivíduos perceberem condições de desigualdade e possibilidades de negociação dentro da família. Dessa forma, as mulheres mais educadas conseguiriam a ajuda de seus maridos e, provavelmente, maridos com maior grau de instrução também perceberiam, mais facilmente, a necessidade de sua participação no trabalho doméstico.

A utilização de comidas prontas ou processadas foi bem representativa, pois se levou em consideração mesmo aquelas mulheres que disseram utilizar esporadicamente tais alimentos. Para as mulheres que exerciam atividade remunerada, o uso era mais restrito aos finais de semana e ao período noturno. Isso se deve ao fato de a empregada doméstica não estar presente em casa nesses momentos, ou devido ao cansaço gerado pelo trabalho, fazendo com que as patroas optem pela facilidade e praticidade de uso desses alimentos, conforme ilustrado a seguir:

Principalmente no fim de semana que tá tarde pra fazer o almoço, vai lá no mercado, compra alguma coisa pronta, mais fácil de fazer. Mas é raro, mas usa. Por mês, umas 2 vezes (técnica administrativa, 37 anos, superior completo).

Olha, a gente evita. No dia a dia, na hora do almoço não. Tudo é feito lá em casa. Mas em geral não, é tudo feito em casa. E às vezes eu compro pizza, às vezes uma lasanha pronta. Essas comidas congeladas, geralmente eu guardo pra essas ocasiões, pro jantar, não pro almoço (docente, 48 anos, doutora).

Para Oliveira e Thébaud-Mony (1996), observa-se que há uma evolução do consumo de alimentos industrializados, da alimentação fora do domicílio (em cantinas,



restaurantes, “fast-food”), da preferência pelos supermercados para a compra da alimentação, reduzindo o consumo de alimentos “in natura” e mais saudáveis, em função da busca de praticidade e economia de tempo.

Outras estratégias utilizadas para conciliar trabalho e preparo das refeições eram: preparar pratos para serem congelados, sendo utilizados posteriormente, além de antecipar o preparo do almoço, como visto a seguir:

(...) Se eu vou fazer uma feijoada, um tanto eu deixo na panela, e um tanto eu deixo esfriar e vai pro freezer. Então eu uso muito essa estratégia. Tudo que eu vou fazer mais elaborado que pode congelar eu faço dois, uma travessa vai pro forno, e a outra vai pro freezer (técnica administrativa, 52 anos, superior incompleto).

Já deixo adiantado na parte da manhã. Eu acordo às 6 horas, aí já limpo a casa, já coloco a roupa pra lavar, já vou adiantando o almoço. Aí quando eu chego, eu só termino (técnica administrativa, 38 anos, pós graduação lato Sensu).

Segundo Pozza (1992 citado por BORSA; FEIL, 2008), a atuação profissional da mulher requer uma adequada estrutura de personalidade, habilidade rápida de decisão e agilidade para contornar os inúmeros problemas e contratemplos que encontra em seu dia a dia, em busca de uma auto-realização interna e externa ao lar.

### **6.3.1. Tecnologias domésticas: implicações para as trabalhadoras**

Também de importância para o estudo foi analisar as tecnologias disponíveis nas residências das entrevistadas, sua utilização, vantagens e desvantagens.

O trabalho fora de casa, o maior poder de consumo e o valor mais elevado do tempo de trabalho das mulheres têm ligação com o aumento da proporção de domicílios detentores de tecnologias para o trabalho doméstico, embora com flutuações de mercado acentuadas, conforme a situação econômica da população (SILVA, 1998).

O aumento do uso de tecnologias domésticas está relacionado ao decréscimo da disponibilidade de serviços domésticos/as (SILVA, 1998). No entanto, nesse estudo observou-se que, apesar da elevada percentagem de empregadas, as residências eram

também possuidoras de tecnologias domésticas, talvez devido à situação econômica da família.

No presente trabalho notou-se que 100% das técnicas administrativas possuíam fogão elétrico, geladeira e liquidificador; 75,4% possuíam sanduicheira, 72,1%, forno de microondas; 70,4% possuíam batedeira; 45,9%, geladeira do tipo duplex; 42,6%, espremedor de frutas; 34,4% tinham processador de alimentos; 26,2%, freezer; 24,5%, forno elétrico e centrífuga de suco; e 18,03% possuíam gril. Em menor porcentagem estavam incluídas máquina lavadora de louça, cafeteira, máquina de pão, mixer, panela elétrica, torradeira e preparador de waffle.

Já em relação às docentes, a posse dos eletrodomésticos foi a seguinte: 100% tinham fogão, geladeira, e liquidificador; 80% possuíam forno de microondas e batedeira; 70%, sanduicheira; 47,4%, geladeira duplex e processador de alimentos; 42,5%, freezer; 37,5%, espremedor de frutas; e 25% a cafeteira. Em menor porcentagem estavam incluídas máquina lavadora de louça, máquina de pão, forno elétrico, centrífuga de suco, mixer, panela elétrica, gril, e torradeira.

Logo, notou-se que as tecnologias domésticas estavam presentes nos lares das famílias estudadas, e as mulheres buscavam utensílios que poderiam auxiliá-las no preparo das refeições.

As tecnologias domésticas apresentavam diversas vantagens para as entrevistadas, apesar de autores, como Silva (2003), dizerem que elas têm apresentado pequeno impacto positivo no trabalho doméstico e, especialmente, na vida das mulheres que desempenham esses trabalhos. Nas falas a seguir, percebe-se a importância e facilidade de uso das tecnologias domésticas para estas mulheres:

Sem elas eu estaria não sei onde? Só ajudam. Não consigo imaginar uma casa sem um freezer. Sem um..., microondas até que não. Mas sem freezer, sem processador, sem o gril, é difícil. Muito difícil. Na correria que a gente vive, é o que salva (docente, 49 anos, doutora).

Ah, facilita! Nossa, quando tá cansada pega do freezer, e põe no microondas, acabou (docente, 40 anos, doutora).

A inclusão de tecnologias facilita a realização de atividades cotidianas e economiza o tempo destinado a elas, uma vez que a relação com o tempo se transformou intensamente, caracterizando-se por um ritmo de vida acelerado (ROZIN et al., 2006, citado por FONSECA et al. 2011).

No entanto, apesar das facilidades apresentadas pelas entrevistadas, as tecnologias também trazem certas desvantagens. Para as mulheres, essas desvantagens estavam relacionadas ao fato de tais tecnologias não estarem adequadas para serem usadas por famílias pequenas, além da dificuldade de limpeza após uso dos aparelhos, que, ao invés de simplificar, acabam consumindo mais tempo. Essas desvantagens são ilustradas a seguir:

Bom, com exceção do microondas, que tem esta função de esquentar comida. Da gente não precisar ter que esquentar, né? É, eu, por exemplo, quando faço um bolo, prefiro fazer a mão. Eu acho que é o mesmo trabalho no final das contas, e a mesma coisa o suco, eu prefiro fazer na mão. Para uma pequena família, eu acho que é mais um desdobramento de uma coisa que é muito mais fácil você fazer manualmente. Quando você utiliza uma grande quantidade, pode até ser que tenha utilidade. Uma família pequena é inútil de aparelhos (docente, 45 anos, doutora).

É, às vezes demanda menos tempo prá fazer, mas depois mais tempo prá limpar. Então, algumas dessas aí agilizam, como a sanduicheira, ela ajuda, o forno elétrico também ajuda. Agora, como eu te falei, a centrífuga, o espremedor de laranja, a cafeteira elétrica, a gente nem usa. Então assim, uns ajudam e outros nem tanto (técnica administrativa, 45 anos, pós graduação lato Sensu).

Silva (2003) apresenta em seu trabalho três posições teóricas de diferentes autores, sobre as tecnologias domésticas, e enfatiza que o tempo despendido em trabalho doméstico não tem sido diminuído, a despeito de inovações tecnológicas. As causas dessa não redução do tempo de trabalho nos domicílios se encontram nas estratégias de fabricação e nas relações de poder patriarcais. Os teóricos de uma dessas posições dizem que o objetivo principal da tecnologia é aperfeiçoar a atividade a ser desenvolvida, e não tornar mais fácil, simples, rápida, sem qualificação e sem especialização de gênero.

A respeito dessa especialização de gênero, Silva (1998) pontua que as tecnologias domésticas reforçam a divisão tradicional de tarefas entre os gêneros, pois, segundo ela:

Embora as novas tecnologias do lar sejam apresentadas em relação a novos padrões de relações de gênero, as prescrições mais sofisticadas do seu uso evocam a domesticidade feminina. As receitas de cozinha de microondas são exemplares: os níveis de dificuldade, complexidade e o tempo de preparo das receitas são frequentemente próximos àqueles requeridos pelo uso de fogões tradicionais (SILVA, 1998, p. 37).

Para uma das entrevistadas, o tempo dedicado ao trabalho remunerado acaba influenciando o uso destes eletrodomésticos:

Tenho batedeira, até eu achei engraçado, a gente pensa que vai adquirir esses equipamentos e acha que vai utilizar muito e o trabalho é uma coisa que interfere, que a gente acha que vai ter tempo dedicado a essas coisas e na verdade não tem. Uso mesmo pra fazer o bolo, pão (docente, 38 anos, doutora).

Como muitas mulheres possuíam empregadas, essas últimas se incubiam da realização das principais refeições da família. No entanto, no que se refere ao uso de tecnologias domésticas, segundo as entrevistadas, suas empregadas não as utilizavam devido à dificuldade de manuseio, bem como em sua lavagem e higienização. Isso contraria o citado por Silva (2003), que diz que o objetivo da tecnologia é ser utilizada independente da qualificação das pessoas, tornando o serviço mais fácil, simples e rápido. Algumas falas ilustram essa questão:

Ah, a moça não gosta de usar [processador de alimentos] Ela gosta de fazer tudo manual. Não usa (docente, 45 anos, doutora).

... Até porque como quem cozinha todo dia é minha secretária, e ela é uma pessoa que veio da roça. Então, o hábito dela de gerenciar esses equipamentos é muito baixo. Eu comprei um descascador de alho pra facilitar a vida dela, ela acha que vai morder ela. Não usa de jeito nenhum (docente, 39 anos, doutora).

Segundo Silva (1998), é corrente a ideia de que a empregada pode danificar os equipamentos se lhe for permitido usá-los. Numa perspectiva sociológica e econômica, esse pensamento está relacionado ao baixo custo do trabalho das mulheres empregadas e ao alto custo relativo dos equipamentos. Além disso, habilidades mínimas de leitura, entendimento e operação de tecnologias são requeridas daquelas pessoas que seriam as fundamentais usuárias, afinal são elas, de fato, que realizam o trabalho doméstico.

Desse modo, uma das entrevistadas disse que gostaria de ter mais equipamentos, mas somente se ela mesma os utilizasse. Isso porque o uso de tais equipamentos pela empregada demanda tempo para ensiná-la a usar, uma vez que o mau uso pode desgastar ou mesmo danificar o eletrodoméstico, conforme exemplificado a seguir:

Mas eu acho que pra mim, em termos de equipamento é pouco, né? Eu acho que eu precisaria de mais. Mas assim, é, se fosse pra eu utilizar mesmo, eu preferiria mais. Como eu quase não tô utilizando, eu tenho que passar pra outra pessoa, eu acho que pra eu ficar ali ensinando o preparo pra pessoa, que o equipamento envolve custo alto, tem que treinar mais a pessoa. Eu acho que do jeito que tá, como eu tenho uma pessoa pra me ajudar, pra mim tá bom (técnica administrativa, 43 anos, mestre incompleta).

Para outra entrevistada, as tecnologias seriam mais importantes na elaboração das refeições se ela não contasse com o apoio da empregada para realizar os afazeres domésticos, conforme expresso em sua fala:

Pra dona de casa que trabalha, e não tem uma doméstica, ajuda sim. Quando você tem doméstica, não (técnica administrativa, 53 anos, superior completo).

Fica claro que, para a entrevistada, a empregada não precisa de facilitadores domésticos, uma vez que ela pode realizar os serviços manualmente, enquanto que para a mulher que trabalha fora de casa e não tem empregada, os eletrodomésticos se tornam importantes na execução dos afazeres. Isso pode estar relacionado ao fato de ela pagar pelo

serviço prestado pela empregada doméstica, não sendo, assim, necessária a compra de eletrodomésticos. Nesse caso, empregada e eletrodomésticos se equivalem, são substitutos.

Cabe destacar que as tecnologias domésticas, muitas vezes, têm seu uso restrito devido à dificuldade de uso e de limpeza das peças, ou por terem sido desenvolvidas para atender a famílias mais numerosas. Assim, ao invés de facilitarem as tarefas do dia a dia, deixam de ser usadas por não se adequarem às necessidades de usuárias específicas e suas famílias.

## **7. CONCLUSÕES**

Esta pesquisa procurou compreender as repercussões, nos hábitos alimentares, da inserção feminina no mercado de trabalho. Para isso foram ouvidas servidoras da Universidade Federal de Viçosa.

O estudo realizado permite concluir que, para grupos homogêneos, em termos de renda e nível educacional, os hábitos alimentares, apesar de sofrerem influência, não são totalmente diferenciados quando se analisa a inserção feminina no mercado. Outros fatores parecem exercer maior influência sobre tais hábitos, como renda, tipo de trabalho remunerado realizado, presença ou não de empregada doméstica, estrutura familiar e preferências pessoais (e familiares).

O exercício do trabalho remunerado influencia o preparo das refeições, dependendo da renda. Ou seja, as docentes, cuja renda familiar é maior, podem contratar empregadas, que realizam as atividades domésticas anteriormente delegadas às entrevistadas, não ocorrendo, assim, influências significativas.

Observa-se o uso de alimentos semi-prontos ou congelados pelas famílias, já que esses produtos estão disponíveis no mercado, visando atender às diversas demandas dos consumidores.

Nota-se que todo aparato que pode facilitar o desempenho das tarefas, ou reduzir o tempo gasto nelas, é utilizado, com destaque para os eletroeletrônicos. Quando não atendem a esses objetivos, tais produtos não são utilizados ou apresentam desvantagens, como o tempo despendido na limpeza das peças e o consumo de energia.

Por fim, é importante considerar os fatores de ordem geográfica, uma vez que a cidade de Viçosa é de pequeno porte e, assim, há maiores possibilidades de as refeições serem realizadas em casa, mesmo sendo preparadas por outras pessoas. Além disso, o estilo de vida é de uma cidade interiorana é bem diferente do de uma metrópole, ou mesmo do de uma cidade grande.

Para estudos futuros, sugere-se a realização de pesquisas com este enfoque em uma cidade de grande porte, de modo a identificar em que grau as diferenças nos estilos de vida e a distância entre residência e local de trabalho influenciam as práticas alimentares das famílias.

## 8. REFERÊNCIAS

BEAGAN, B.; CHAPMAN, G. E.; D'SYLVA, A.; BASSETT, R.B. 'It's Just Easier for Me to Do It': Rationalizing the Family Division of food work. **Sociology**, v. 42, n. 4, 2008, p. 653-671.

BORSA, J. C.; FEIL, C. F. O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão. In: **O portal dos psicólogos**. 2008. Disponível em: <[www.psicologia.com.pt/artigos/textos/a0419.pdf](http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/a0419.pdf)>. Acesso em: 16 fev. 2012.

BRUSCHINI, C.; RICOLDI, A. M. Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, 2009.

COEN-PIRANI, D.; LEÓN, A.; LUGAUER, S. The effect of household appliances on female labor force participation: Evidence from microdata. **Labour Economics**, v. 17, 2009.

FONSECA, A. B.; SOUZA, T. S. N.; FROZI, D. S.; PEREIRA, R. A. Modernidade alimentar e consumo de alimentos: contribuições sócio-antropológicas para a pesquisa em nutrição. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.16, n. 9, Rio de Janeiro, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Análise do Consumo Alimentar Pessoal no Brasil**. IBGE, 2011. Disponível em:<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008\\_2009\\_analise\\_consumo/pofanalise\\_2008\\_2009.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009_analise_consumo/pofanalise_2008_2009.pdf)>. Acesso em: 22 mar. 2012.

\_\_\_\_\_. **POF 2008/09 mostra desigualdades e transformações no orçamento das famílias brasileiras**. IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>

presidencia/ noticias/noticia\_visualiza.php?id\_noticia=1648&id\_pagina=1>. Acesso em: 1 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. **Síntese de Indicadores Sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicadores2008/indic\\_sociais2008.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicadores2008/indic_sociais2008.pdf)>. Acesso em 4 fev. 2012.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. IPEA, 2010. **PNAD 2009 – Primeiras Análises:** O Mercado de Trabalho Brasileiro em 2009. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/100923\\_comunicadoipea62.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/100923_comunicadoipea62.pdf)>. Acesso em: 30 jan. 2012.

JOFFER, S. da C. As relações de gênero no trabalho: uma análise da inserção das mulheres e homens na rede de fast food. In: Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2008.

LAMBERT, J. L.; BATALHA, M. O.; SPROESSER, R. L.; SILVA, A. L. da; LUCCHESI, T. As principais evoluções dos comportamentos alimentares: o caso da França. **Revista de Nutrição**, v.18, n. 5, Campinas, 2005.

LIMA, M. de F. E. M; LIMA-FILHO, D. de O. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. **Ciência e cognição**, v.14, n.3, Rio de Janeiro, 2009.

MADALOZZO, R.; MARTINS, S. R.; SHIRATORI, L. Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais? **Insper Working Paper**, 2008.

MARINHO, M. C. S.; HAMANN E. M.; LIMA, A. C. DA C. F. Práticas e mudanças no comportamento alimentar na população de Brasília, Distrito Federal, Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materna e Infantil**, v.7, n.3, Recife, 2007.

MELLO, S. C. de. Feminismos de segunda onda no cone sul debatem o emprego doméstico: relações entre empregadas e patroas. **Caderno Espaço Feminino**, v. 23, n. ½, 2010.

MENDONÇA, C. P.; ANJOS, L. A. Aspectos das práticas alimentares e da atividade física como determinantes do crescimento do sobrepeso/obesidade no Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v.20, n.3, Rio de Janeiro, 2004.

NASCIMENTO, C. R. R. **Masculino e feminino no contexto da família:** representações sociais e práticas educativas em famílias de classe popular. 2006. 249 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.



NOVAES, A. L. Alimentação fora do domicílio: levantamento bibliográfico e mudanças no comportamento do consumidor. In: IV JCEA, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande, 2004.

OATES, C. J.; MCDONALD, S. Recycling and the Domestic Division of Labour: Is Green Pink or Blue? **Sociology**, v. 40, n. 3, p. 471-433, 2006.

OLIVEIRA, S. P. de; THÉBAUD-MONY, A. Modelo de Consumo Agro-industrial: Homogeneização ou Diversificação dos Hábitos Alimentares. **Cadernos de Debate**, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da UNICAMP, v.IV, 1996.

ORTIGOZA, S. A. G. Alimentação e saúde: As novas relações espaço-tempo e suas implicações nos hábitos de consumo de alimento. **R. RA'E GA**, Editora UFPR, n. 15, Curitiba, 2008.

PINHEIRO, A. R. de O. A alimentação saudável e a promoção da saúde no contexto da segurança alimentar e nutricional. **Saúde em Debate**, v. 29, n. 70, Rio de Janeiro, 2005.

POLLONIO, M. A. R. **Impactos da globalização na segurança de alimentos**. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005. Disponível em: <[http://www.fooddesign.com.br/arquivos/academia/marise\\_pollonio\\_impactos\\_da\\_globalizac\\_ao\\_na\\_seg\\_alim.pdf](http://www.fooddesign.com.br/arquivos/academia/marise_pollonio_impactos_da_globalizac_ao_na_seg_alim.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2012.

PORTUGAL, S. **Novas Famílias, Modos Antigos. As redes sociais na produção do bem estar**. (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Coimbra, Portugal, 2006.

RODRIGUES, F. da S.; SABES, J. J. S. A percepção do consumidor de alimentos “fora de casa”: um estudo multicaso na cidade de Campo Grande/MS. **Caderno de Administração**, v. 14, n.2, 2006, p. 37-45.

SCALON, C.; ARAÚJO, C.; PICANÇO, F. **Gênero, Família e Trabalho numa Perspectiva Comparativa**. In: Novas Conciliações e antigas tensões? “Gênero, Família e Trabalho em perspectiva comparada”. Bauru/SP: EDUSC, 2007.

SCHLINDWEIN, M. M. **Influência do custo de oportunidade do tempo da mulher sobre o padrão de consumo alimentar das famílias brasileiras**. 2006. 119 p. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade de São Paulo Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Piracicaba, 2006.

SCHLINDWEIN, M. M.; KASSOUF, A. L. Influência do custo de oportunidade do tempo da Mulher sobre o padrão de consumo alimentar no Brasil. **Pesquisa e Planejamento econômico**, v.37, n.3, 2007.

SICHIERI, R.; CASTRO, J. F. G.; MOURA, A. S. Fatores associados ao padrão de consumo alimentar da população brasileira urbana. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, Rio de Janeiro, 2003.

SILIPRANDI, E. Políticas de segurança alimentar e relações de gênero. In: FARIA, N; NOBRE, M. (Orgs.). **A produção do Viver**. São Paulo, 2004.

SILVA, E. B. Tecnologia e vida doméstica nos lares. **Cadernos pagu**, v. 10, 1998.

SILVA, E. B. Teorias sobre trabalho e tecnologias domésticas. Implicações para o Brasil. 2003. Disponível em: <[www.unicamp.br/site/publicacoes/dpct/Texto-10.doc](http://www.unicamp.br/site/publicacoes/dpct/Texto-10.doc)>. Acesso em: 30 fev. 2012.

SORJ, B.; FONTES, A.; MACHADO, D. C. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, 2007.

SULLIVAN, O. The Division of Domestic Labour: Twenty Years of Change? **Sociology**, v.34, n. 3, 2000, p. 437–56.